



GABRIELA DE SOUSA SALERA

**O JIU-JITSU QUE SE APRENDE E O QUE SE ENSINA:
ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DAS TEORIAS DO ENSINO**

LAVRAS – MG

2021

GABRIELA DE SOUSA SALERA

**O JIU-JITSU QUE SE APRENDE E O QUE SE ENSINA: ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR
DAS TEORIAS DO ENSINO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física, para a obtenção do título de Licenciatura.

DR. FABIO PINTO GONÇALVES DOS REIS

Orientador

LAVRAS – MG

2021

RESUMO

Partindo da premissa que o Jiu-Jitsu é uma modalidade de luta e que as lutas são conteúdo da Educação Física, surge a curiosidade a respeito do processo de ensino-aprendizagem a cerca dessa arte marcial, uma vez que para ensiná-la não é obrigatória uma formação acadêmica. Entendemos que o papel do professor, seja de qualquer área, inclusive de lutas, é de extrema importância, uma vez que a partir de sua mediação possibilitará ao aluno a construção do seu próprio saber. Diante disso, o objetivo do presente estudo é analisar como os professores de Jiu-Jitsu aprenderam essa modalidade e como eles a ensinam hoje, nos possibilitando entender como são formados os professores nesse âmbito, se passam por processos que os fazem modificar o modo que ensinam ou se reproduzem aquilo que aprenderam. Para isso utilizaremos da pesquisa de campo de caráter qualitativo, onde faremos entrevistas com professores de Jiu-Jitsu e posteriormente as mesmas serão analisadas com base na literatura e teorias do ensino. Ao final do trabalho será possível compreender que, mesmo não sendo necessária uma formação na área da educação, principalmente em Educação Física, o auxílio de materiais teóricos, didáticos e metodológicos é de grande valia na formação dos professores.

Palavras-chave: Jiu-Jitsu. Ensino-Aprendizagem. Teorias do Ensino.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. PROBLEMÁTICA DO ESTUDO	2
1.2. HIPÓTESE	3
2. REFERENCIAL TEÓRICO	4
3. OBJETIVOS.....	8
3.1. GERAL	8
3.2. ESPECÍFICO	8
4. JUSTIFICATIVA	9
5. METODOLOGIA.....	10
6. RESULTADOS.....	12
6.1. DADOS COLETADOS.....	12
6.2. ANÁLISE DE DADOS	26
7. DISCUSSÃO.....	34
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

O Jiu-Jitsu é uma modalidade de Luta que se enquadra na categoria de curta distância, ou Luta de agarre, na qual a finalidade é “dominar” seu oponente fazendo-o desistir do combate com golpes específicos de torções. É uma arte milenar que possui divergências sobre sua origem, mas que se popularizou no Brasil e assim se constituiu em um novo formato, denominado Brazilian Jiu-Jitsu.

Essa arte marcial foi um dos motivos, senão o maior deles, responsável pela minha escolha pela Educação Física. No final do ano de 2012 foi quando conheci o Jiu-Jitsu e comecei a praticá-lo, com o intuito apenas de estar em movimento, fazendo uma atividade física diferente de todas que eu já havia vivenciado. Poucos meses depois eu já estava completamente envolvida, realizando treinos diários, participando de pequenas competições e estava cada vez mais admirada pela “arte suave”.

Chegando o início de 2016 eu soube que estava próxima a minha graduação dentro do esporte, na qual eu seria promovida a faixa roxa (terceira faixa concedida a alunos adultos) e a partir disso eu poderia ser intitulada como instrutora, desde que houvesse a supervisão de um faixa preta (professor). A partir desse momento muitos questionamentos começaram a surgir sobre como ministrar aulas de Jiu-Jitsu caso algum dia me despertasse vontade em fazê-lo. Foi assim que surgiu o desejo de fazer um curso que pudesse me ajudar com meus questionamentos, e, então, no segundo semestre de 2016 dei início a minha jornada acadêmica no curso de Educação Física pela Universidade Federal de Lavras.

São poucas as disciplinas ofertadas na área das Lutas dentro da universidade, mas uma em específico teve grande contribuição para escolha do tema deste trabalho: Pedagogia das Lutas. Nela pude aprender conceitos, metodologias e didáticas que, mesmo com nove anos de treinos hoje, não tive contato ou passaram despercebidos.

Alguns de meus questionamentos lá atrás, quando dei início ao curso, foram sanados e outros foram sendo construídos ao longo da graduação em Educação Física. Sabemos que não existe uma receita para se ensinar, mas sabemos também que existem caminhos que podem ser percorridos desde que se tenha conhecimento.

Partindo da premissa que não é necessária uma formação em Educação Física ou em outro curso para se ensinar Jiu-Jitsu e sabendo que a maioria dos professores/instrutores em Lavras-MG

não possui essa graduação, veio-me o questionamento: qual método os professores de Jiu-Jitsu utilizam para planejar suas aulas e compartilhar seu conhecimento? Como esses professores ou instrutores aprenderam o Jiu-Jitsu que hoje ensinam?

O processo de ensino e aprendizagem dos professores de Jiu-Jitsu de Lavras-MG será o objeto de estudo deste trabalho, a fim de responder esses questionamentos e tentar contribuir com a construção de conhecimento no interior dessa modalidade

Inicialmente iremos explorar no referencial teórico. Nele poderemos entender o surgimento histórico das lutas, o conceito de cultura corporal e também observar outros estudos relacionados a ensino-aprendizagem em outras modalidades de lutas, o que nos dará embasamento teórico para a pesquisa aqui presente.

Posteriormente apresento os objetivos do trabalho e os motivos que justificam ser relevante o tema selecionado. Na justificativa contemplará também uma breve contextualização histórica sobre a arte marcial escolhida, o Jiu-Jitsu, a importância do professor em qualquer âmbito de ensino e também o alcance que a pesquisa terá.

Em seguida, na metodologia, haverá o tipo de pesquisa mais apropriada para que possamos atingir os objetivos propostos nesse trabalho, que será uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, utilizando a entrevista como método principal.

Nos resultados estarão contidas as entrevistas na íntegra, onde irei transcrever todas as anotações e as falas gravadas em áudio durante o processo de coleta de dados. Ainda nos resultados, farei uma análise comparando as informações contidas nas entrevistas utilizando gráficos para melhor compreensão.

Chegando ao final do trabalho utilizarei do que já temos na literatura para articular os pensamentos e posteriormente chegar a conclusões a fim de sanar as dúvidas aqui apresentadas.

1.1. PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Como será que os professores ensinam o Jiu-Jitsu nos dias atuais? Como será que esses mesmos professores aprenderam essa arte milenar? Será que o Jiu-Jitsu é ensinado hoje da mesma forma que era ensinada antigamente?

1.2. HIPÓTESE

Não se pode afirmar como os professores de Jiu-Jitsu ensinam e de que forma aprenderam o esporte na sua vivência, mas há uma tendência que nos permite pensar que os processos são reproduzidos e repassados de geração a geração, fazendo com que eles ensinem da maneira que foram ensinados. Por outro lado, os professores que mudam sua metodologia de ensinamento, nos fazem acreditar que foi por algum processo interno do indivíduo, como por exemplo, uma graduação em ensino superior.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As lutas fazem parte de um conjunto de conteúdos denominados por culturas corporais. Para entendermos o que são culturas corporais é preciso entender, primeiramente, o que é cultura. Segundo Oliveira, Gomes e Suzuki (2006), cultura é um conjunto de características que não nascem com o indivíduo, mas que ele adquire durante sua vida em sociedade e as preserva. Deste modo, podemos entender cultura por tudo que o homem criou, desenvolveu e aprimorou e assim foi passado de geração por geração.

Mas e cultura corporal? O que seria? A cultura corporal é o modo com que se faz, como a cultura herdada se desperta através do corpo do indivíduo, e podemos dizer que ela se manifesta por meio da dança, do jogo e também por meio das lutas.

Desde os primórdios os homens lutam, seja para se defender, seja para conquistar seu espaço, seja para conseguir alimentos ou por qualquer outro motivo pertinente (OLIVEIRA; GOMES; SUZUKI, 2006). A luta faz parte do cotidiano humano, ou seja, é uma cultura que adquirimos em sociedade.

Historicamente, segundo PAYNE (1996, apud OLIVEIRA; GOMES; SUZUKI, 2006), a palavra “arte marcial” vem da mitologia grega trazendo consigo o significado de “arte de guerrear”. Deste modo, foram surgindo técnicas de defesa e ataque por povos asiáticos com a finalidade de se defenderem dos mais fortes, e, como não possuíam armas ou materiais para confecção, todas as técnicas que criavam (chutes, socos, golpes de torções) se dava pelo princípio das “mãos vazias” e do mínimo de força com máximo de eficiência (OLIVEIRA; GOMES; SUZUKI, 2006).

Essas artes marciais foram sendo passadas por gerações e podemos entendê-las e caracterizá-las como modelos de culturas corporais através dos significados já citados acima. Portanto, o Jiu-Jitsu, objeto de estudo deste trabalho, é um exemplo de luta, ou arte marcial, que foi desenvolvido, aprimorado e passado por gerações culturalmente.

Contextualizando para os dias atuais, as lutas foram sistematizadas com regras e objetivos, podendo ser utilizadas em cunho educacional, onde a finalidade é apenas aprender a sua arte e suas filosofias históricas, ou em cunho competitivo, onde além de aprender tem-se a preocupação com o desempenho do atleta (OLIVEIRA; GOMES; SUZUKI, 2006).

Mas como essas culturas corporais (as lutas) foram passadas para as próximas gerações? Como os professores que têm consigo esse conhecimento ensinam as outras pessoas? Qual é o papel dessas pessoas enquanto professores? Devido a esses questionamentos foi feito um levantamento para mostrar o que a literatura trás a respeito dessa temática.

De acordo com Hildebrant e Langing (1986, apud ANTUNES; MOURA, 2010), “o ensino aberto baseia-se na ideia de propiciar ao aluno possibilidades de decidir sobre as atividades e estratégias de ensino”. Ou seja, os professores devem capacitar seus alunos de modo que eles sejam aptos à criação dentro desses conteúdos, se transformando em seres críticos. Resumidamente, o ensino dos esportes deve ser um trabalho de consenso e decisões advindas de alunos e professores (HILDEBRANT; LANGING, 1986, apud ANTUNES; MOURA, 2010).

Em um estudo realizado por Marcelo M. Antunes e Diego L. Moura, com a finalidade de identificar os estilos de ensino de professores de wushu (kungfu) no Brasil, teve como resultado que a grande maioria dos professores participantes dessa pesquisa utiliza o estilo “tarefa” em suas aulas. O estilo tarefa consiste em um método onde o professor determina os objetivos e estratégias, sendo ele o centro do processo de ensino. Por outro lado, nesse estilo de ensino os alunos possuem certa autonomia, onde eles podem, por exemplo, adotar seus próprios critérios para a avaliação, e é válido ressaltar também que a relação entre aluno e professor, neste modelo, se dá por meio formal. (ANTUNES; MOURA, 2010).

Nesse estudo é possível perceber um avanço nas metodologias de ensino e aprendizagem, pois, mesmo que o professor ainda seja o centro do processo, o aluno já possui mais autonomia em determinados aspectos, o que não era possível ser observado antigamente onde o militarismo era o principal modelo de ensino de atividades físicas (ANTUNES; MOURA, 2010).

Outra questão bastante importante nesse estudo é que os professores dessa modalidade que possuíam curso superior em Educação Física abordavam suas aulas de forma mais “aberta”, onde o professor teria mais liberdade para dar atenção aos seus alunos e a relação entre eles era mais informal. Por outro lado, os professores com curso superior em outras áreas continuavam apresentando tendências de utilizar o estilo “tarefa”, que mostra uma possível reprodução de como foram ensinados. (ANTUNES; MOURA, 2010).

Dados como esses nos permite fazer ligações com o objeto de estudo deste trabalho (Jiu-Jitsu), que, mesmo sendo modalidades de lutas diferentes, com origens diferentes e metodologias diferentes, podem obter resultados semelhantes aos apresentados.

Em outro estudo, realizado por Orozimbo Cordeiro Júnior (2000), o autor realiza uma pesquisa com o objetivo de “construir uma metodologia de ensino de Judô adequado à realidade e às exigências do contexto escolar” tomando como base a pedagogia crítico-superadora (C-S).

Nesse estudo o autor desenvolveu aulas extra turnos com alunos de uma escola estadual, abordando os conteúdos do judô de forma não convencional, sempre buscando envolver os alunos com o tema levando em consideração a realidade deles e fragmentando o judô de maneira que eles conseguissem enxergar suas múltiplas facetas.

Ao final de uma série de aulas propostas, o pesquisador elaborou uma prova escrita onde o objetivo era avaliar com maior profundidade o aprendizado que essa turma obteve. Ao analisar as respostas das provas, foi possível observar que os alunos “estabeleceram nexos, dependências e relações complexas, as quais estavam representadas em conceitos do judô elaborados por eles mesmos” (JÚNIOR, 2000).

Apesar da pesquisa a ser realizada neste trabalho não ser com crianças em escolas, podemos entender esse estudo como pertinente, pois foi realizado com crianças que podemos classificar como iniciantes e que tiveram ótimos resultados as aulas propostas pelo pesquisador Orozimbo Cordeiro Júnior quanto à metodologia utilizada.

Segundo Gomes (2008), o ensino das lutas para iniciantes precisa de uma abordagem pedagógica onde o mesmo consiga compreender toda a complexidade existente nesse universo de conhecimento, possibilitando aos alunos saberes sobre as diversas possibilidades presentes no mundo das lutas.

Na literatura muito se é discutido sobre a pedagogia do esporte a respeito de como se deve ensinar. Gomes (2008) cita em seu texto alguns autores que falam sobre isso, como Graça (1995), Garganta (1995) e Bayer (1994). De modo geral, Gomes (2008) coloca que esses autores problematizavam e criticavam o ensino baseado em métodos tradicionais, onde o professor diz o que se deve ser feito e não explica as razões de se fazer aquilo, e também ensinos voltados apenas para a repetição gestual. Autores desse segmento apoiam uma abordagem pedagógica acerca dos esportes, sistematizando-os e organizando-os, com a finalidade de melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

Considerando que pessoas que dão início a uma determinada modalidade de luta necessitam de uma abordagem diferente que os demais que já a praticam há mais tempo, Villamón e Molina (1999, apud GOMES, 2008) consideram interessante que essa introdução seja

feita através de “habilidades genéricas através de jogos”. Essa é uma das diversas possibilidades de introduzir um iniciante nas lutas, diferente de coloca-los diretamente em uma turma que já possui certo grau de conhecimento, onde o mesmo poderia se sentir deslocado e desmotivado a dar continuidade.

Outro ponto a ser destacado acerca dessa temática, são os professores, aqueles que detêm o conhecimento e estão ali para contribuir com aqueles que querem aprender. Dentro do Jiu-Jitsu, e de várias outras modalidades de luta, a maioria dos professores não possuem formação em ensino superior, mais especificamente em Educação Física. Partindo da premissa que Lutas são conteúdos da Educação Física, o fato desses professores de luta não terem essa formação, faz com que deslegitime as lutas como um ramo da Educação Física.

É impossível um sujeito formado em Educação Física sair da universidade com seu diploma e estar apto a desenvolver e treinar uma turma em uma modalidade de luta específica em clubes ou academias, pois não há o aprofundamento necessário que é adquirido com anos de prática dentro da modalidade. Por outro lado, um professor que atua nessa área possuindo apenas o conteúdo prático vivenciado em anos de treinamento, sem o aporte teórico pedagógico de um curso superior, no caso a Educação Física, também pode ser prejudicial e insatisfatório no processo de ensino e aprendizagem.

Essas considerações teóricas são importantes para nossa reflexão acerca da necessidade das metodologias de ensino e aprendizagem no que desrespeito às lutas e darão embasamento para a realização desta pesquisa.

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL

O objetivo desse estudo é identificar de que modo os professores de Jiu-Jitsu aprenderam a arte marcial e como eles hoje a ensinam.

3.2. ESPECÍFICO

A pesquisa se dará de modo a conhecer e identificar o processo de ensino e aprendizagem dos professores de Jiu-Jitsu de Lavras-MG, com a finalidade de entender as mudanças, ou não, de cada indivíduo que ensina essa modalidade esportiva e os motivos que o levou a adotar tais práticas, contribuindo com a construção de conhecimento dentro dessa arte marcial.

4. JUSTIFICATIVA

Nos primórdios, o Jiu-Jitsu originou-se no continente asiático e era praticado por monges budistas, com a finalidade de autodefesa sem a utilização de armas. Somente no início do século XX o Jiu-Jitsu chega ao Brasil, através de um mestre chamado Mitsuyo Maeda, também conhecido como “Conde Koma”, que ensinou a arte para a família Grace. Desde então, a família Grace difundiu o Jiu-Jitsu pelo Brasil, adaptando suas técnicas e moldando um novo formato, denominado e conhecido no mundo todo atualmente como Brazilian Jiu-Jitsu (CBJJ, 2013).

Nessa breve contextualização histórica, fica claro uma mudança de formas de ensinamento do Jiu-Jitsu tradicional para o atual Jiu-Jitsu brasileiro. Tendo o conhecimento que essa arte marcial está em constante avanço com o surgimento de novas técnicas a partir da necessidade dos seus praticantes, pode-se concluir que a maneira que se ensina o mesmo também está sempre se modificando.

O professor, seja de qual área for, é responsável por seus alunos. O aluno confia a sua aprendizagem a essa pessoa que sabe mais que ele sobre determinado assunto. Cabe ao professor elaborar métodos pedagógicos para proporcionar ao aluno as melhores experiências de aprendizagem, tendo em mente que cada aluno possui sua particularidade na forma com que aprende.

Sendo assim, a maneira como o mestre vai transmitir seus conhecimentos é extremamente importante para a aprendizagem dos que estão ali para isso, tendo como princípio a responsabilidade do professor como o portador desse conhecimento que mediará seus alunos na construção do seu próprio saber sobre a arte.

O processo de ensino e aprendizagem dos professores de Jiu-Jitsu de Lavras – MG irá alcançar inicialmente a população Lavrense praticante do esporte, porém terá uma implicação de alcance maior que somente esta. A grande maioria dos professores de Lavras aprenderam Jiu-Jitsu com mestres que dão aulas em outras cidades e até mesmo outros países. Desse modo, alunos de outros lugares serão atingidos com processos de aprendizagem semelhantes aos que serão estudados neste presente trabalho.

5. METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, onde entrevistei professores de escolas de Jiu-Jitsu na cidade de Lavras-MG para entender os procedimentos utilizados pelos mesmos.

A pesquisa qualitativa responde questões que não podem ser quantificadas, como as vivências sociais de cada indivíduo, suas crenças, sua motivação, entre outros. O ser humano se difere dos demais não por suas atitudes, mas pela capacidade de refletir acerca das mesmas e se transformar. Sendo assim, a pesquisa qualitativa nos auxilia na compreensão desses fenômenos muito particulares de cada indivíduo. (MINAYO, 2010)

A entrevista foi realizada em formato presencial tomando os devidos cuidados necessários perante a situação em que se encontra o mundo, enfrentando uma pandemia. Para realização das entrevistas utilizei um roteiro de perguntas, questionário, com a finalidade de entender a visão deles sobre como aprenderam o Jiu-Jitsu e como hoje o ensinam.

O estudo foi realizado com sete professores faixas pretas de Jiu-Jitsu da cidade de Lavras-MG. As entrevistas ocorreram no período de duas semanas, sendo um dia para cada professor, individualmente, e no local de escolha dos mesmos. Os materiais utilizados para coleta de dados foram: caderno para anotações e gravador de áudio. Os professores entrevistados também assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de autorizar a utilização das informações adquiridas na entrevista e assegurar a anonimidade dos professores nesse presente estudo.

Para nortear a entrevista foram elaboradas cinco perguntas. São elas:

- 1 – Como o seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu? Fale sobre o treino, a avaliação (graduação) e a interação do seu mestre com você e seus colegas.
- 2 – Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?
- 3 – Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?
- 4 – Como você estrutura suas aulas?
- 5 – Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Além dessas perguntas, também foram coletados os seguintes dados de cada professor: idade, tempo de prática de Jiu-Jitsu, tempo de atuação como professor de Jiu-Jitsu e formação acadêmica.

6. RESULTADOS

6.1. DADOS COLETADOS

Abaixo estão as respostas dos professores acerca das perguntas feitas na entrevista, que foram cuidadosamente analisadas através da gravação de áudio e anotações:

- Professor 1
 - Idade: 36 anos
 - Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 21 anos
 - Tempo de atuação como professor de Jiu-Jitsu: 10 anos
 - Formação acadêmica: técnico em segurança do trabalho e cursando Ed. Física (bacharelado)

1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor entrevistado diz que o seu mestre era uma pessoa muito tranquila e pouco exigente. Ele diz que o mestre utilizava de muita repetição em suas aulas com a finalidade de automatizar os movimentos e também separavam os alunos por nível técnico (faixa). Além disso, ele também trabalhava com o que o entrevistado chama de “treinos específicos”, que seriam treinos focados em certo momento da luta, seja a guarda, ou de passagem de guarda, ou defesas, entre outros. O professor diz que: “ele não misturava muitas técnicas, era sempre uma técnica bastante tempo”. Ele complementa dizendo: “A gente costumava falar que o feijão com arroz era o básico, isso não muda, então dentro daquilo ali vai sair o resto, e o resto a gente desenvolvia por conta”. O professor comentou também a respeito de como o seu mestre o avaliava e quais eram os critérios para a graduação. Ele diz que seu mestre avaliava o aluno de acordo com o objetivo dele dentro do tatame, ou seja, o atleta era avaliado de forma diferente do aluno que treinava por lazer, mas em ambos os casos o critério utilizado era a observação no dia a dia e a percepção do professor, não um exame propriamente dito. Pra finalizar o professor relata que seu mestre prezava pela hierarquia dentro do dojô, onde a ultima palavra era a dele e os alunos precisavam respeitar as regras do local que treinavam, mas em contra partida ele tinha um bom relacionamento com todos, de respeito e amizade. Em uma das falas o professor complementa: “Eu nunca fui obrigado a concordar com tudo, eu também tinha minhas opiniões e

assim eu as fiz. Quando eu não concordava, eu simplesmente não concordava, mas eu tinha que obedecer as regras do local. Quando eu não estava satisfeito com as regras eu me retirava, mas para voltar eu tinha que estar respeitando as regras dele. Mas a interação com ele foi a melhor, eu posso dizer que já frequentei até mesmo a casa dele e tenho contato até hoje”.

2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O entrevistado relata que estrutura suas aulas de acordo com a idade e objetivo de seus alunos. Ele conta que inicialmente deu aula para uma turma de crianças e adolescentes que tinham o intuito competitivo e que por isso era mais exigente com essa turma, de forma que não trouxesse danos aos alunos, devido a pouca idade. Ele diz também que trabalhou com uma turma de crianças menores, na faixa etária de 3 a 6 anos, e que nesse caso as aulas eram totalmente recreativas, visando coisas básicas como aprender a cair sem se machucar, por exemplo, sem exigências maiores. Em uma das falas do professor ele diz: “tinham crianças que até dormiam na aula, e a gente deixava, era um barato”. Continuando seus relatos ele diz que quando ministra aula para adultos ele procura ouvir qual o objetivo do aluno com o Jiu-Jitsu. Em determinadas turmas que tinham alunos com o intuito competitivo ele buscava extrair o máximo desse aluno, olhando para o mesmo como atleta, mas que em outras turmas, em que utilizavam o Jiu-Jitsu como forma de lazer, dependia muito mais do aluno do que dele próprio para o andamento das aulas. O professor diz que: “Eu procurava muito ouvir o feedback do aluno, pois tinham alunos que chegavam e diziam que estavam cansados, tinham outros que queriam só sentar e conversar comigo o treino inteiro e eu falava beleza, vamos sentar e vamos trocar uma ideia irmão. A intenção era somente o bem estar de cada um.”

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: Quanto à avaliação dos alunos ele diz que não faz exames para a troca de faixa e que a avaliação tem que ser diferente entre pessoas que fazem por lazer e pessoas que são competidoras. Sendo assim, ele relata que faz a avaliação observando cada aluno individualmente durante o tempo. O professor diz que: “Eu avalio o tempo que esse aluno tem de prática, a parte técnica e o comportamento dele. O comportamento pra mim é um fator muito importante dentro da avaliação”.

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: o professor diz que nunca foi o responsável primário de uma equipe. Ele conta que sempre deu aulas em equipes que tinham outros faixas pretas a frente e que ele apenas dava aula para algumas turmas em alguns horários dentro dessa equipe. Sendo assim, ele afirma que: “O responsável por fazer a periodização de treino, em minha opinião, é do faixa preta pilar, porque ele é o líder da equipe e tem que saber quais são os objetivos dos alunos”. O professor, então, diz que faz reuniões com o líder da equipe e que após ser passado para ele o foco do treino (seja um treino de explosão, específico com técnicas de um tipo de guarda, ou qualquer outro objetivo cabível) ele estrutura o treino voltado para tal objetivo.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: O professor relata que sempre teve uma ótima relação com seus alunos e até mesmo ex-alunos, relação de amizade, seja dentro ou fora dos tatames.

- Professor 2
 - Idade: 34 anos
 - Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 12 anos
 - Tempo atuação como professor de Jiu-Jitsu: 3 anos
 - Formação acadêmica: ensino médio completo

1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor entrevistado relata que os treinos aconteciam da seguinte maneira: “A gente chegava, tinha um aquecimento, aí ele passava uma ou duas posições e a gente já iniciava o famoso rola”. Ele diz que eram exigidas muitas repetições das posições técnicas e que cada dia o professor apresentava uma técnica diferente, quase nunca repetindo essas posições em outros dias. Além disso, o seu professor não separava os alunos por faixa, todos realizavam o mesmo treino, independente da sua graduação. A respeito da avaliação (graduação) o professor afirma que seu mestre observava seus colegas e ele no dia a dia, tomando em consideração se eles estavam conseguindo aplicar as técnicas que o mestre passava, se eles eram assíduos nas aulas e o desempenho geral. O professor finaliza contando que seu mestre se relacionava bem com todos os alunos, tratava todos da mesma forma e tinham uma relação de amizade e respeito.

2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O professor afirma que existe um horário diferente para adultos e para as crianças e que ele dá aulas apenas para os adultos. Dentro dessa turma que ele trabalha, ele diz que dá um suporte maior para os iniciantes (faixas brancas), corrigindo os detalhes das técnicas apresentadas e explica que com o passar do tempo esses alunos iniciantes vão conseguir ter o discernimento para ir se adaptando em relação a essas técnicas. Já os alunos mais graduados, ele explica que fica um pouco mais fácil de ensinar devido ao tempo de prática, onde o aluno já possui essa capacidade de adaptação das posições para o seu estilo de “jogo”. Ele diz que a única diferença é essa que os iniciantes demandam mais atenção da parte dele, mas que o treino é igual para todos, independente do nível que o aluno está. O professor diz que: “O treino é igual para todo mundo, mas eu fico mais de olho nos iniciantes, que estão começando, porque o nosso objetivo são eles”.

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: O professor relata que a avaliação e a graduação funcionam ao longo do tempo, os alunos são avaliados através de observação todos os dias. Ele diz que, além dele, existem mais dois professores que auxiliam nessa parte avaliativa e que eles conversam entre si para decidir quem está apto a trocar de faixa. Não existe um teste aplicado. O professor diz que: “é mais pelo tempo e pelo fato de o aluno estar procurando e se dedicando para sua evolução”.

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: Quanto à estrutura das aulas o professor diz seguir os passos do seu mestre e ensina como aprendeu. Sendo assim, ele afirma que passa o aquecimento, depois uma posição técnica e depois os “rolas”, que na verdade são as lutas de Jiu-Jitsu em si.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: O professor diz que a relação com seus alunos é de união e amizade, não existindo aquela formalidade que algumas artes marciais apresentam. Ele afirma que existe respeito entre eles, mas que a amizade é a principal relação.

- Professor 3
 - Idade: 28 anos
 - Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 11 anos
 - Tempo atuação como professor de Jiu-Jitsu: 6 anos

- Formação acadêmica: formado em nutrição

1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor relata que seu mestre separava os alunos de acordo com seu nível (faixa) e que dessa maneira ele passava as posições técnicas básicas e posteriormente as técnicas mais avançadas, priorizando as repetições. O professor disse que: “o meu professor falava que a gente nunca constrói uma casa a partir do teto, a gente constrói a partir da base. Então se você não tiver uma base forte você não consegue aprender novas técnicas”. Falando um pouco sobre como seu mestre avaliava e graduava os alunos, o professor comenta que durante sua formação ele passou por dois processos diferentes. Inicialmente ele diz que seu mestre graduava seus alunos pelo critério “mérito”, ou seja, o mestre avaliava seus alunos no dia a dia através da observação e quando achasse justa a troca de faixa, ele a fazia. Posteriormente o professor relata que seu mestre mudou um pouco a maneira de avaliar, passando a aplicar vez ou outra, alguns testes com técnicas que os alunos precisariam executar. Entretanto ele afirma que esses métodos avaliativos variavam de aluno pra aluno, pois tinham alguns alunos que faziam esses testes na data estipulada por ele e tinham outros que ele graduava fora da data estipulada e sem nenhum teste. Por fim conversamos a respeito da relação entre o mestre e os alunos e o professor relatou que ele tinha uma relação de amizade com aqueles alunos que eram mais próximos, mas que de forma geral a relação entre eles era de respeito. Ele conclui dizendo: “Uma coisa nesse aspecto que eu guardo dele é que ele dizia que no tatame não podia ser um quartel, que tem que ser muito rígido, porque se não muita gente pode fugir, mas também não pode ser um circo, porque da mesma forma muitas pessoas também poderiam fugir”.

2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O professor diz achar importante a diferenciação de treinos para crianças e adultos, frisando que ao ver dele as crianças devem aprender o Jiu-Jitsu de uma maneira mais ampla, aprendendo a disciplina, as técnicas, de forma lúdica, jamais exigindo competitividade. Outra questão apresentada pelo professor é que ele costuma observar as dificuldades e as peculiaridades de cada aluno, entendendo que cada um aprende de uma forma. O professor diz: “Não existe só um jeito de dar um estrangulamento, cada um tem sua mobilidade, cada um tem sua visão, e por ai vai. Então é você pegar a dificuldade do aluno e potencializar. Ai você vai poder diferenciar o nível técnico, se o cara está apto para evoluir para a próxima técnica”. Ele diz

que acha importante separar os treinos por faixa etária, sexo, condicionamento físico e nível técnico e explica o porquê dessas divisões. Em relação à divisão pelo fator sexo, ele diz que a mulher pode ter uma mobilidade maior e que pode até mesmo estar com um nível técnico mais apurado que os meninos pela facilidade maior na mobilidade. Quanto ao condicionamento físico ele diz ser importante para que a pessoa muito bem condicionada não seja prejudicada e a pessoa menos condicionada não seja exigida além do seu máximo. Ele conclui dizendo: “então é você condicionar de acordo com detalhes específicos e a individualidade de cada aluno para você potencializar e destrinchar cada um para um aspecto específico”.

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: O professor inicia dizendo que nunca levou em consideração apenas o nível técnico do aluno em suas avaliações, fazendo a diferenciação entre o praticante e o atleta. O professor afirma que: “Não tem como eu exigir o nível técnico de um cara, por exemplo, faixa roxa, que treina só para poder ter uma diversão e fazer um exercício físico, por lazer, de um cara que quer competir”. Ele diz levar em consideração a conduta do aluno dentro do tatame, pois ao ver dele, os alunos graduados vão servir de exemplo para os que ainda não alcançaram a graduação. O professor diz que: “Se o aluno tem uma conduta não exemplar, ele não é respeitoso com seus colegas, ele acaba servindo de espelho para os que estão atrás dele”. Outra questão que o professor leva em consideração na hora de avaliar seus alunos é a constância nos treinos. Sendo assim ele conclui dizendo que a avaliação era feita durante todos os dias, não fazendo nenhum tipo de exame ou teste.

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: Quanto à estrutura das aulas, o professor diz fazer um cronograma mensal focando aspectos básicos do Jiu-Jitsu (passagem de guarda, raspagens, imobilizações, etc). Dentro desses aspectos, ele diz começar com o básico e ir avançando as técnicas com o passar do tempo e com o feedback que ele analisa dos alunos.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: A relação do professor com os alunos ele definia como sendo de amizade. Ele diz que não tem como as relações dentro do tatame serem extremas, nem rígidas demais e nem folgadas demais. Ele afirma que a melhor maneira que encontrou foi o equilíbrio para boas

relações, mantendo o ambiente respeitoso e agradável. Ele conclui dizendo que: “é aquela coisa, você elogia em público e corrige no particular”.

- Professor 4

- Idade: 33 anos

- Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 12 anos

- Tempo atuação como professor de Jiu-Jitsu: 4 anos

- Formação acadêmica: formado em enfermagem e cursando Ed. Física (bacharelado)

- 1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor começa dizendo que quando ele começou a treinar a abordagem do seu mestre seguia uma linha “old school” como o mesmo afirma. Ele diz que: “As coisas eram muito difíceis, a gente aprendia na porrada. Ou você aprendia, ou você não voltava nunca mais”. O professor ainda complementa que as aulas iniciavam com um treinamento voltado ao condicionamento físico de forma muito intensa, logo em seguida o mestre passava uma técnica priorizando repetições e posteriormente o “rola”, a luta em si. O professor conta que essas técnicas eram trocadas diariamente e que todos treinavam juntos, sem que houvesse separação dos alunos por nível técnico. A avaliação era feita diariamente, como conta o professor, onde os alunos eram avaliados todos os dias através da observação do mestre. Ele conta que era marcada uma data em que todos os alunos estariam presentes e nesse dia o mestre realizava a cerimônia de troca de faixa para aqueles que ele julgava aptos a tal feito, de acordo com a avaliação que era realizada diariamente. Por fim ele relata que a interação que tinha com seu professor era como se fosse de pai e filho, e seus colegas era como se fossem seus irmãos. Ele diz que seu mestre dava conselhos e puxava a orelha quando necessário. Já com os colegas sempre existia uma rixa saudável, onde dentro da luta um queria ganhar do outro, eram adversários, mas ao soar do gongo a paz reinava e a amizade permanecia a mesma.

- 2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O professor entrevistado diz que a intervenção dele depende da turma com que ele irá trabalhar. Se for uma turma infantil, ele diz priorizar o trabalho motor focado para o desenvolvimento e crescimento das crianças, utilizando de brincadeiras e afins. Caso seja uma turma de adultos, ele diz que o foco passa ser o estudo das técnicas do Jiu-Jitsu. Além disso, ele

diz que o treino é o mesmo para todos os alunos (adultos), não fazendo diferenciação por nível de faixa. Ele conclui dizendo que a única coisa que muda em seu treino é a cobrança, pois se o aluno for um atleta ou demonstrar anseio por competir, ele irá exigir mais desse do que daquele aluno que treina por lazer.

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: O professor inicia dizendo que: “a avaliação no meu ponto de vista é feita todos os dias. Você vai observando o desenvolvimento do seu aluno”. Ele diz que outro critério que leva em consideração é o tempo de permanência mínima em cada faixa segundo a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ).

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: O professor diz que quando começou a dar aula ele utilizava o mesmo princípio de como aprendeu, fazendo condicionamento físico, técnicas e o rola. Com o passar do tempo ele diz que começou a estudar outros métodos que outras equipes começaram a utilizar e que funcionavam muito bem. O professor relata que: “São maneiras diferentes de você estar conduzindo a sua aula, podendo dividir a aula em blocos, uma semana volta em uma técnica, outra semana você volta para outra técnica. Então assim, eu estou me adaptando para ver qual a melhor forma que eu vou me encaixar”.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: Quanto à relação entre ele e os alunos, o professor diz que acha importante que exista uma amizade entre eles, mas respeitando sempre a hierarquia dentro do dojô. O professor diz: “Vestiu o kimono, colocou o pé para dentro do tatame, sou seu amigo sim, mas aqui dentro eu sou o seu professor”.

- Professor 5
 - Idade: 30 anos
 - Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 19 anos
 - Tempo atuação como professor de Jiu-Jitsu: 9 anos
 - Formação acadêmica: ensino médio completo

1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor relata que os treinos iniciavam com a parte de condicionamento físico, posteriormente a parte técnica e finalizando com as lutas, os rolas. Eram exigidas bastantes repetições das técnicas passadas, que por sua vez não eram trocadas diariamente, onde os alunos as estudavam durante um período maior até que fosse trocada. O professor diz que ele e seus colegas não eram separados por graduação, todos realizavam o mesmo treino. Além disso, ele destaca que o seu mestre se importava bastante com a alimentação dos seus alunos. O professor diz que: “ele sempre cobrava muito a alimentação, falava que atleta sem alimentação não é atleta e que uma coisa dependia da outra”. Quanto à avaliação ele diz que sempre foram avaliados no dia a dia, pela evolução nos treinos quanto à parte técnica e também nas competições. O professor finaliza dizendo que sua relação com seu mestre era de família, de irmãos, pois eles moravam juntos. Apesar disso a hierarquia e o respeito eram pilares dentro do tatame.

2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O professor diz que procura primeiramente fazer com que seus alunos se sintam em casa, confortáveis e bem. Ele diz que a partir disso ele desenvolve as técnicas procurando sempre descontrair e fazer brincadeiras, para que seus alunos consigam fazer analogias com essas brincadeiras e gravar melhor as técnicas. Ele diz que antigamente, quando começou, ele não separava os alunos por nível técnico, mas que atualmente começou a separar por entender que tem alunos com mais facilidade de aprender do que outros e que dessa forma ele tem observado que as aulas passaram a render mais. Além disso, o professor conta que atualmente seus treinos contam com muita parte técnica visando muitas repetições e muito combate. Ele afirma, também, separar seus alunos por faixa etária, onde as crianças possuem um horário próprio para os treinos.

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: Quanto à avaliação de seus alunos, ele relata que é feita no dia a dia, observando a evolução de cada um individualmente. Além disso, ele afirma que avalia de formas diferentes os seus alunos, sendo competidor ou sendo o que faz o Jiu-Jitsu por lazer. O professor diz: “se ele é competidor, é claro que eu vou exigir mais, que eu vou puxar mais. Agora, se ele não é competidor, claro, eu não vou deixar de puxar, eu não vou deixar de cobrar, mas não da mesma forma que eu vou cobrar de um competidor. É claro que um competidor tem que estar em um nível mais alto”.

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: O professor relata que suas aulas acontecem no seguinte formato: aquecimento, treino técnico e rolas. Ele afirma que estuda com antecedência as técnicas que deseja ensinar para os alunos, fazendo um planejamento prévio. Além disso, o professor não muda de técnicas todos os dias, ele explica que isso depende do desenvolvimento dos alunos e que essa técnica pode se prolongar por semanas em alguns casos. O professor diz priorizar bastante os detalhes: “eu sou um cara que estuda muito, eu gosto de estudar muito as posições, de ter o contexto da posição, detalhe no meio da posição, porque isso faz uma diferença muito grande. Porque a posição em si é uma coisa fácil de fazer, mas os detalhes da posição, cada um tem um encaixe, então isso é muito importante”.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: Quanto à relação ele diz que o segredo é o equilíbrio entre o respeito e a amizade. O professor diz que: “não adianta eu ter só o respeito dos meus alunos, mas esse respeito ser em forma de medo. Isso é uma coisa que eu sou muito contra. Eu acho que o respeito tem que ser de uma forma amorosa, de uma forma realmente de família”.

- Professor 6
 - Idade: 42 anos
 - Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 16 anos
 - Tempo atuação como professor de Jiu-Jitsu: 13 anos
 - Formação acadêmica: ensino médio completo (técnico)

1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor começa dizendo que tinha treinos bem “old school”. Ele diz que era um Jiu-Jitsu mais tradicional, de posições mais justas. Ele relata que treinou pouco tempo dessa forma, pois parou de treinar por 5 anos e quando ele retornou o Jiu-Jitsu já era mais dinâmico. Ele conta que os treinos eram estruturados com um aquecimento no início, logo após uma posição técnica, focada em bastantes repetições, que era trabalhada durante toda a semana e ia evoluindo no decorrer do mês e no final as lutas, os rolas. Ele também relata que o mestre separava os alunos por graduação, onde eram passadas posições mais básicas para os menos graduados e uma posição mais avançada pros mais graduados. Quanto à avaliação ele relata que o seu mestre levava em consideração o tempo de treino e a evolução dos alunos. Após essa primeira etapa de observação, e caso o mestre julgasse que o aluno estava apto, eles eram

submetidos a um exame onde apresentavam uma série de posições técnicas e golpes, e somente depois de serem aprovados nesse exame era concluída a troca de faixa. Pra finalizar o professor conta um pouco sobre a interação que seu mestre tinha com os alunos. Ele relata que sempre tiveram um relacionamento de amizade e irmandade, onde nunca se opuseram por diferença de graduação ou conhecimento. Ele finaliza dizendo que não eram apenas uma equipe, eles se consideravam como uma família.

2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O professor inicia dizendo que: “o aluno quando está começando, a gente tem que ser mais ponderado. A gente tem que trabalhar as posições mais ponderadas, tem que começar do início, a gente tem que dar toda essa dinâmica, essa base do Jiu-Jitsu. Não adianta eu ensinar uma posição muito complicada sendo que o aluno não tem a base”. Apesar dessa fala, ele diz que hoje em dia não se faz mais separação de treino de mais graduados e iniciantes e que o que o faixa branca aprende, o faixa preta aperfeiçoa, no mesmo treino. Ele diz que, diferentemente da época que ele começou, hoje em dia o aluno tem mais informação, podendo buscar até mesmo na internet, fazendo com que o Jiu-Jitsu evolua mais rápido. Quanto à idade ele diz achar importante uma diferenciação no treinamento. Ele conta que quando começou a dar aulas foi para uma turma infantil, e diz que: “geralmente a criança você tem que ministrar desde o começo, fazer o trabalho inicial para depois ir evoluindo. Tem que ensinar o aluno a cair para não machucar, ensinar os três tapinhas, ensinar posições menos agressivas”. Já dando aula para adulto ele diz: “o adulto é bem diferente, ele tem muito esse negócio de confere, vendo se o professor realmente sabe. Então eu tive um pouco de dificuldade no início, porque eu quis trabalhar com o adulto da mesma forma que trabalhava com as crianças, mas vi que não funcionava. Então o adulto você vai lá, faz o alongamento, o aquecimento, depois desse processo você passa a posição, eles vão tentar se encaixar e se enquadrar da melhor forma naquela posição, e depois vai pros rolas, onde eles começam a se encontrar ali no meio”.

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: Quando perguntado sobre a avaliação, o professor faz um relato de como acontecia a avaliação dele como aluno. Ele diz: “quando eu me graduei, eu tinha que ser graduado por um faixa preta, esse faixa preta vinha para avaliar umas posições que a gente

treinava no decorrer de um mês antes, que a gente vinha se preparando”. O professor complementa dizendo que, como ele foi graduado dessa forma, ele gradua os alunos dele da mesma maneira. Eles precisam treinar uma série de posições com antecedência e depois é marcado um dia para que o aluno apresente essas posições, onde o professor avalia como está o conhecimento desse aluno. A avaliação para decidir quem poderá fazer o exame acontece no dia a dia, observando o nível técnico do aluno, o tempo em que o aluno está na atual faixa e sua dedicação. Ele finaliza dizendo: “Eu acho essa forma interessante. Hoje no Jiu-Jitsu novo, muitas vezes o aluno é graduado por conquista de campeonato, por títulos, só que eu acho que aí perde a base do Jiu-Jitsu. Aí você pega um cara que é faixa preta, que só sabe competir, é muito bom competidor, mas ele não tem a base. Aí você coloca ele para dar uma aula e ele não sabe ensinar um rolamento, não sabe um tai-sabaki, não sabe uma defesa pessoal. Ele fica muito limitado a competição, ele consegue formar competidores, mas nem sempre o Jiu-Jitsu veio para formar competidores, ele veio para formar cidadãos. Eu preciso atender aquela pessoa que só treinar, para descontrair, para cansar, e ao mesmo tempo eu também tenho que ter condição de treinar o competidor”.

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: Quanto à estrutura das aulas o professor afirma manter o padrão de aquecimento, posição e rolas. Sobre as posições ele afirma que faz um planejamento prévio, buscando passar posições que se conectem. Ele diz: “Eu costumo mesclar as semanas. Por exemplo: uma semana eu faço um trabalho de raspagem e depois na outra semana a gente trabalha uma posição de passagem de guarda. O que eu costumo fazer para que o aluno consiga associar um movimento com o outro, é que eu passo a posição de raspagem e na outra semana eu trabalho uma posição de passagem que consegue defender a posição de raspagem e que ele consiga passar a guarda. Eu começo a criar conflitos entre a posição que ele aprendeu de uma semana com outra. Automaticamente isso faz o aluno pensar”.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: Quanto à relação do professor com seus alunos ele diz: “eu venho de uma equipe que a gente costuma dizer que a gente não é a melhor equipe, mas a gente tem a melhor família”. Ele diz que o Jiu-Jitsu vai muito além de tatame, posições técnicas e competições, que eles criam vínculos muito fortes. Ele afirma que por ele ter sido ensinado dessa forma e ter tido essa abertura por parte do professor dele, ele dá essa mesma liberdade de amizade para os seus

alunos. Ele conclui dizendo: “Eu tenho alunos que são como filhos. Eu enxergo que tenho uma família, não uma equipe”.

- Professor 7
 - Idade: 39 anos
 - Tempo de prática de Jiu-Jitsu: 20 anos
 - Tempo atuação como professor de Jiu-Jitsu: 17 anos
 - Formação acadêmica: Educação Física (Licenciatura Plena)

1) Como seu mestre lhe ensinou o Jiu-Jitsu?

Resposta: O professor relata que quando iniciou no Jiu-Jitsu, a modalidade ainda estava começando em lavras e por isso os treinos eram mais básicos. Ele diz que: “Era um trabalho bem básico, onde o professor começava com o aquecimento, parte técnica e treino livre (rola). Geralmente era esse o treino que rolava todos os dias”. O professor diz que eles aprendiam uma posição em um dia, no próximo treino eles relembavam essa técnica e o professor ensinava outra em seguida. No treino técnico eram exigidas bastantes repetições e bilateralidade. O professor conta que a turma era heterogênea, sendo assim, treinavam faixas brancas e graduados juntos, sem que houvesse separação. Para a avaliação os critérios eram parte técnica, assiduidade e competição, relata o professor. A partir dessa “pré-avaliação” acontecia também o exame de faixa. O professor diz que: “Tive a oportunidade de ter um professor que era formado em educação física. Isso faz toda a diferença. O tratamento com as pessoas é diferenciado, o que nos deixa mais tranquilos. Sabemos que o conhecimento dele ia além do Jiu-Jitsu, isso aumenta muito a segurança do grupo”. Para finalizar o professor comenta que existia um equilíbrio quanto à relação do seu mestre com os alunos. Ele diz que na hora certa seu mestre era amigo, rígido ou mais liberal. Com isso o controle sobre a turma era absoluto, relata o professor.

2) Como você ensina o Jiu-Jitsu, considerando a faixa etária e os níveis de aprendizagem dos alunos?

Resposta: O professor diz ter uma turma bastante ampla, com alunos de diversas idades e diferentes objetivos. Dessa forma ele afirma buscar o equilíbrio para conseguir atender a todos. Ele diz que: “Geralmente a turma é heterogênea, eu tenho desde graduados, faixas pretas, competidores, e aqueles iniciantes né, aquelas pessoas que treinam por lazer, e também de diversas idades. Então eu tenho que saber dividir isso no treino para atender todos os públicos. Eu

não posso deixar o competidor na mão e também eu não posso forçar muito o treino de um idoso. Tem que ter o equilíbrio na parte técnica e na parte física”. O professor conta que em determinada parte do treino ele separava os alunos por faixa. Ele diz: “tive momentos em que faixas pretas treinavam entre si e os faixas coloridas treinavam juntos. A ideia era deixar o treino mais equilibrado tecnicamente. Mas na maioria das vezes todos treinam juntos”. Ele afirma ainda que só trabalha com adultos, mas caso tivesse crianças, teria que ser separado.

3) Como você avalia seus alunos e decide quem está apto a trocar de faixa? É aplicado algum teste? Se sim, quais critérios são utilizados?

Resposta: Quanto à avaliação o professor diz: “o teste na verdade é aplicado no dia a dia de treino. Você consegue ver a evolução do aluno no dia a dia”. Outra questão que o professor menciona é se seu aluno é ou não competidor. Ele relata perceber uma evolução mais rápida de alunos que são competidores por eles buscarem por si só aprimoramento em fatores como as regras e por carregarem consigo a experiência da competição. Apesar disso, ele afirma que, com ou sem competição, ele observa tudo em seus alunos, como por exemplo, a assiduidade e a vontade de estar ali no treino e aprender. Ele diz: “não quer dizer que para eu formar um faixa preta ele tem que ser um exímio lutador, eu olho como é a didática dele ensinando um iniciante alguma posição, como ele se porta durante os treinos, então envolve tudo isso”. Além de observar os seus alunos no dia a dia, o professor diz que faz um exame onde pede que o aluno realize técnicas de acordo com o nível da faixa, ou seja, o exame aplicado em um aluno que vai da branca para a azul é mais simples e diferente do exame aplicado do aluno que vai da faixa roxa para a marrom. O professor diz que: “o objetivo do exame é principalmente para formar professores, para que eles tenham uma didática se eu precisar de algum deles para puxar algum treino, eles tem toda uma didática desde o iniciante até o mais graduado”. O professor ainda conclui dizendo que não são todos que fazem o exame, ele seleciona previamente baseado nas observações que ele mencionou realizar no dia a dia.

4) Como você estrutura suas aulas?

Resposta: O professor relata que suas aulas iniciam com um aquecimento com o objetivo de que corpo entre em calor, com movimentos básicos, como saltitos, polichinelo, entre outros. Ainda no aquecimento, ele diz achar muito importante realizar alongamentos dinâmicos para preparar o corpo para a atividade que está por vir. Logo em seguida ele diz que geralmente vem a parte técnica, onde ele costuma passar uma posição e uma sequência do mesmo segmento dessa

posição, que são trabalhadas por uma ou duas semanas com repetições das mesmas. Depois vem a parte que ele denomina como mais livre do treino, podendo ser treino livre (rolas) ou treino parcial, que seria com um objetivo pré-estabelecido, como raspar ou passar, e quando o objetivo é concluído os alunos retornam e iniciam novamente, diferente do rola que é a luta em si e o objetivo é pontuar o máximo até conseguir uma posição favorável a finalizar.

5) Como é a sua interação/relação com seus alunos no dojô?

Resposta: Quanto à relação dele com seus alunos ele diz ser uma relação de respeito, amizade e mais rígido quando necessário. O professor conta que: “eu tive uma boa escola onde os meus professores tem toda uma filosofia e respeitam aquela filosofia mais antiga do Jiu-Jitsu, que hoje está uma coisa mais prática, mas eu procuro sempre fazer uma formação no começo e no fim do treino para respeitar aquela hierarquia, aquela filosofia do Jiu-Jitsu mais antigo, e isso eu acho que ajuda muito nessa parte de respeito e amizade”.

6.2. ANÁLISE DE DADOS

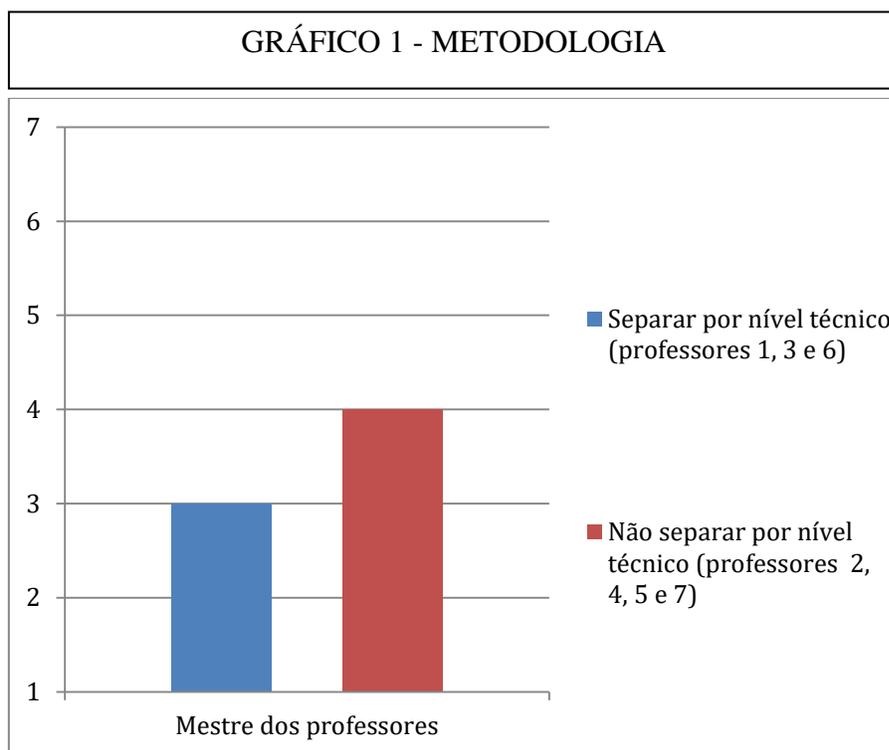
Iniciando a análise dos dados coletados, vamos fazer um comparativo das respostas dadas pelos professores referentes a cada pergunta. Na questão número um, de modo geral, os professores falaram como seus mestres lhes ensinaram o Jiu-Jitsu. Nas narrativas apresentadas os professores falaram sobre: metodologias, como eram eles avaliados por seu professor, estrutura das aulas e como era a relação deles e seus colegas com o professor. Dessa forma, iremos utilizar das respostas referentes aos mestres dos professores e também dos próprios professores sobre as mesmas questões, sendo possível fazer uma comparação para entendermos se houveram mudanças ou não na maneira que os professores de Jiu-Jitsu ensinam para seus alunos atualmente.

Para melhor entendimento, elaborei alguns gráficos que nos possibilitam realizar a comparação de forma mais efetiva.

➤ Metodologia;

Na primeira pergunta feita aos professores, surgiu uma narrativa de que os mestres dos professores separavam, ou não, os alunos de alguma forma dentro do treino, como metodologia

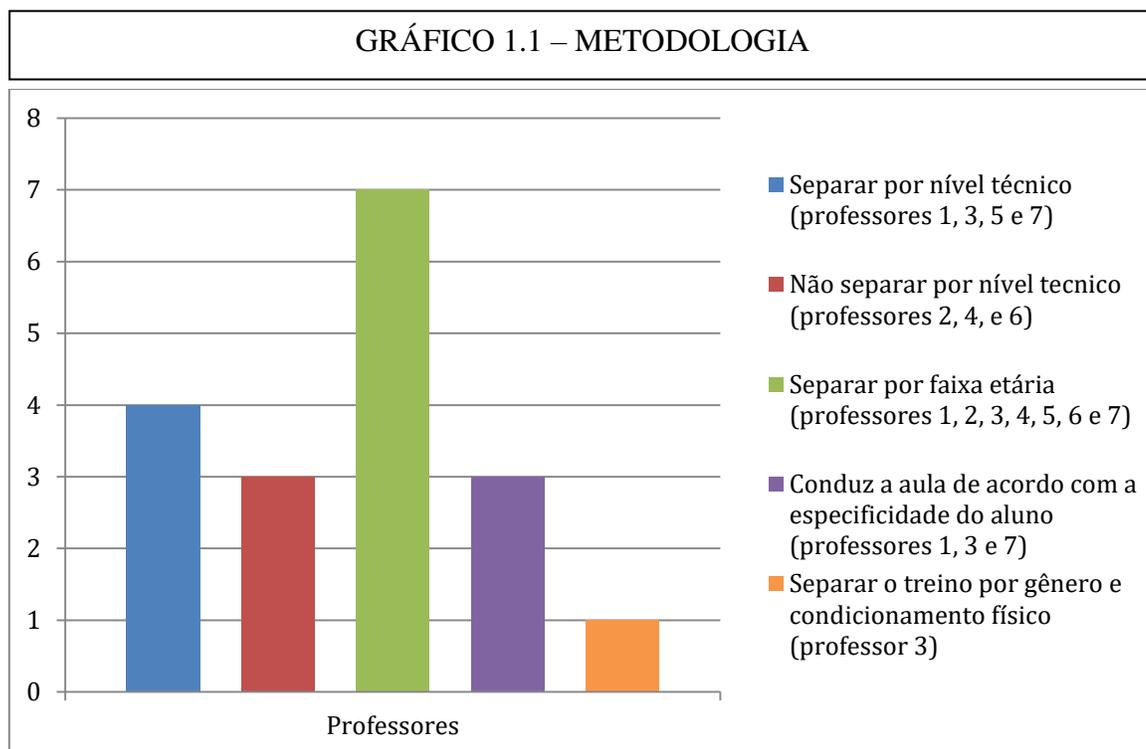
para melhor abordagem no treinamento. Abaixo temos o gráfico que nos trás informações destes relatos:



O gráfico 1 nos mostra os mestres dos professores que separavam ou não os alunos por nível técnico. Podemos percebermos que três dos sete professores entrevistados afirmam que seus mestres separavam a turma por nível técnico de graduação, ou seja, os alunos mais graduados realizavam o treino entre si e os menos graduados também, podendo ser um treino com posições mais avançadas para os mais experientes ou não. Enquanto isso, os outros quatro professores afirmam que seus mestres não separavam os treinos por nível técnico, ou seja, os alunos realizavam o mesmo treino independente da faixa de graduação e todos treinavam juntos, seja faixa branca com faixa marrom, faixa azul com faixa preta, sem distinção por nível técnico.

Na pergunta número dois, pedi para que os professores explicassem como eles ensinam o Jiu-Jitsu considerando a faixa etária e o nível técnico dos alunos. Novamente surgiu a questão de separar ou não os alunos, seja por nível de graduação, por idade, por peso, entre outros, uma vez

que a maioria dos professores trabalham com turmas que contém um público diverso de alunos. Vejamos no gráfico a seguir as respostas:



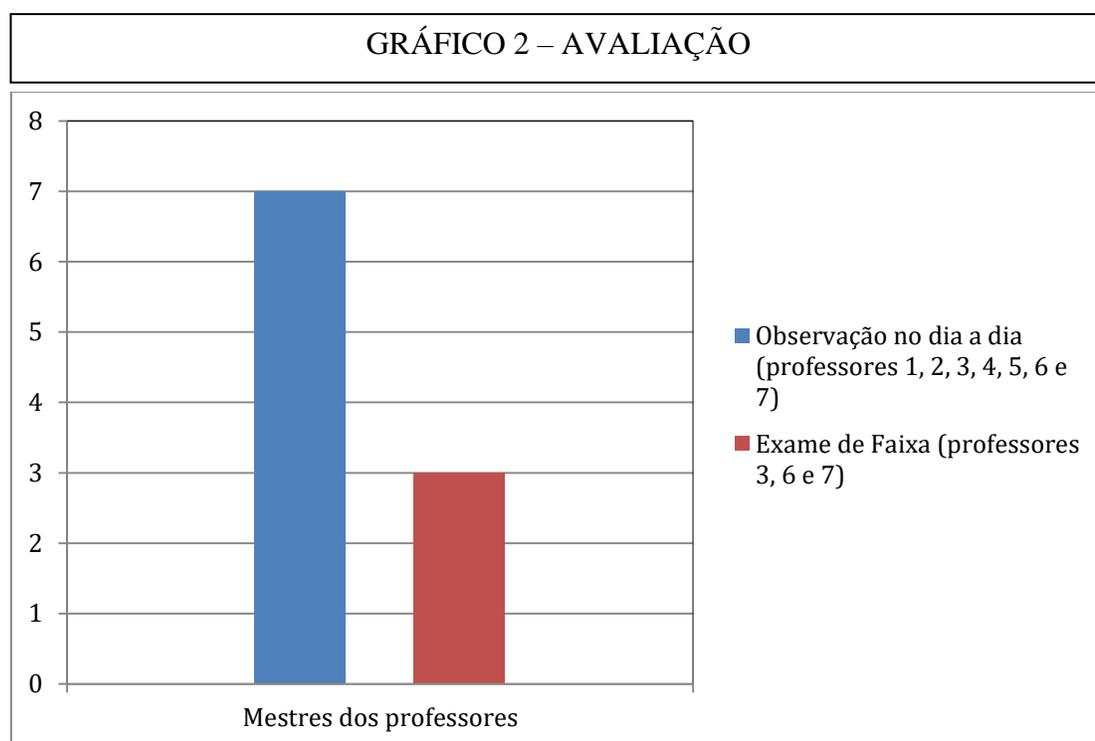
No gráfico 1.1, relacionado ao nível técnico, que é o que mais nos interessa para fazermos o comparativo com o primeiro gráfico, quatro professores afirmam separar os alunos por nível técnico, seja sempre ou em determinadas situações, e três afirmam não separar. Além de responderem sobre o nível técnico, surgiram outras variáveis metodológicas que foram incluídas no gráfico. Foram elas: faixa etária, especificidade do aluno, gênero e condicionamento físico. É unânime entre os professores entrevistados a ideia da separação de treino por faixa etária, entretanto essa separação se dá apenas entre adultos e crianças, não ocorrendo uma separação por faixa etária como ocorre em uma escola, por exemplo. Três professores dizem estruturar suas aulas de acordo com a especificidade do aluno. Segundo esses professores os alunos aprendem de maneiras diferentes ou possuem objetivos diferentes, sendo assim eles buscam equilibrar seus treinos para esses diferentes grupos de alunos que frequentam o mesmo horário de treino. Temos

também um professor que diz achar necessária a separação do treino não apenas para faixa etária e nível técnico, mas também pelo critério gênero e condicionamento físico.

Observando esses dois gráficos, conseguimos concluir que os professores 1, 2, 3 e 4 deram continuidade aos treinos da forma que foram ensinados. Já os professores 5, 6 e 7 mudaram a forma com que conduzem o treino. Essa transformação se dá para cada professor por motivos distintos que ocorreram em seus processos formativos e em alguns dos casos é possível observar em suas próprias narrativas na entrevista contida no tópico 6.1.

➤ Avaliação;

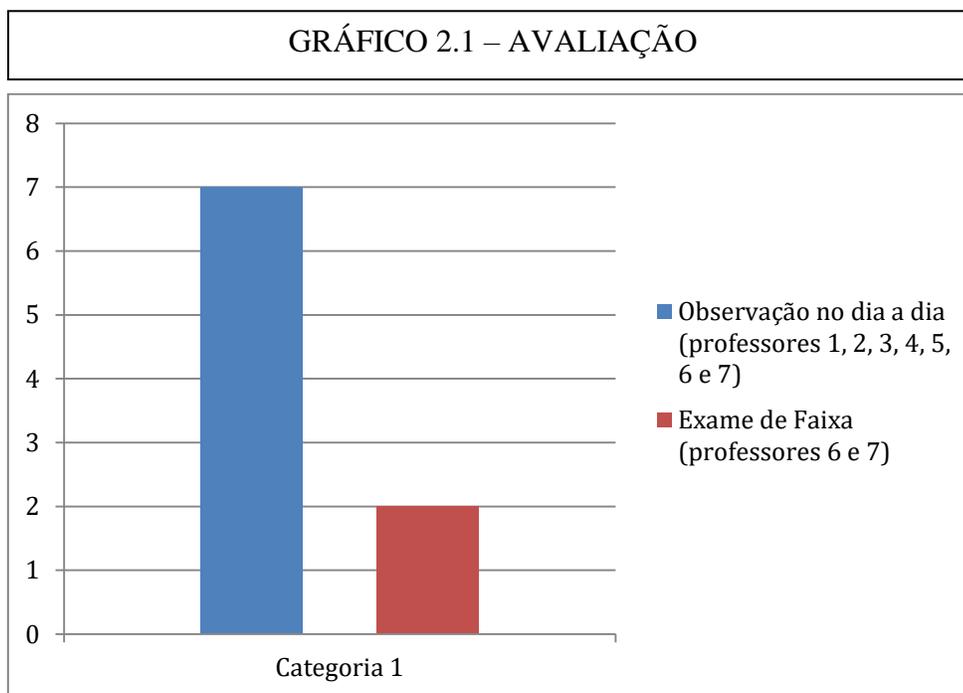
Os próximos gráficos comparativos serão a respeito de como os alunos são avaliados, ou seja, qual o critério é utilizado no momento que acontece a troca de faixa, onde o professor entende que o aluno está apto a avançar um degrau a mais dentro da arte suave.



Surgiram duas abordagens de avaliação nas respostas dos professores entrevistados. Foram elas: observação no dia a dia e o exame de faixa. A observação no dia a dia diz respeito à assiduidade do aluno, quanto tempo (anos) de treino o aluno possui, se o aluno é competidor ou

não, se o aluno está evoluindo tecnicamente. De forma geral, é uma avaliação diária de cada aluno individualmente. Nesse quesito todos os professores relataram que passaram por esse modelo de avaliação, que seus mestres utilizavam dessa forma como única avaliação ou como parte da avaliação completa.

A outra abordagem de avaliação que surgiu das respostas foi o exame de faixa. O exame consiste em o aluno apresentar algumas técnicas de Jiu-Jitsu para que o mestre pudesse avaliar seu desempenho, como uma prova. Apenas três dos sete professores relataram que foram submetidos a essa abordagem, mas afirmaram também que os alunos eram selecionados para realizar o exame de faixa a partir de uma avaliação prévia, que é justamente a avaliação já mencionada, por observação no dia a dia.



Fazendo o comparativo entre os gráficos 2 e 2.1, podemos perceber que houveram poucas mudanças entre os professores e seus mestres. Todos os professores mantiveram a avaliação por observação do dia a dia, com todos os critérios já listados a cima. Dois professores mantiveram a avaliação pelo exame de faixa em conjunto com a avaliação no dia a dia e apenas um professor,

que cita em sua entrevista já ter passados pelos dois modelos de avaliação, permanece apenas com a avaliação no dia a dia, não utilizando como método avaliativo o exame de faixa.

➤ Estrutura das Aulas;

Quanto à estrutura das aulas vamos analisar as repostas dos professores antes de colocarmos em um gráfico, pois, mesmo que em alguns casos a estrutura seja semelhante, em outros os professores ensinavam de maneira diferente, impossibilitando uma comparação geral. Neste caso apresentarei uma comparação de cada professor com seu respectivo mestre e posteriormente um gráfico quanto aos professores que mudaram a abordagem ou não, facilitando o entendimento.

Professor 1: o professor 1 nos relata que seu mestre o ensinou de forma a priorizar as repetições e a parte técnica da arte suave. Ele nos conta que eram passadas poucas posições, de forma que as estudava por bastante tempo. Já quanto lhe foi perguntado de como ele estrutura suas próprias aulas, ele disse que nunca foi líder de nenhuma equipe em que lecionou e que nesse caso quem estruturava as aulas eram esses líderes. Dessa forma esse caso não nos permite uma comparação, uma vez que o professor não estruturava os treinos a partir de seus conhecimentos, e sim a partir do que a equipe em que ele estava no momento pedia.

Professor 2: o professor 2 nos conta que seu mestre estruturava as aulas iniciando com aquecimento, posteriormente a parte técnica e finalizando com o “rola”. Respondendo como ele estrutura as suas aulas, ele nos relata que faz como foi ensinado, não havendo mudanças quanto à estrutura das aulas.

Professor 3: o professor 3 diz que seu mestre gostava de conduzir a parte técnica a partir do básico, posições mais simples e ia aumentando o nível com o passar do tempo, sempre priorizando as repetições. Assim como seu mestre, o professor 3 relata que também iniciava as técnicas mais básicas e ia aumentando o nível com o passar do tempo e também com o feedback dos seus alunos.

Professor 4: o professor 4 nos relata que seu mestre iniciava as aulas com a parte física (aquecimento), depois partia para as técnicas, priorizando repetições e trocando essas técnicas diariamente, e por fim os “rolas”. Quando a sua maneira de ensinar, ele diz que inicialmente estruturava seus treinos exatamente como seu professor fazia, mas que com o passar do tempo

começou a estudar outras formas, observando outras equipes, e testando outras formas de estruturar as aulas. Ele afirma que ainda está nessa fase de estudos e mudanças.

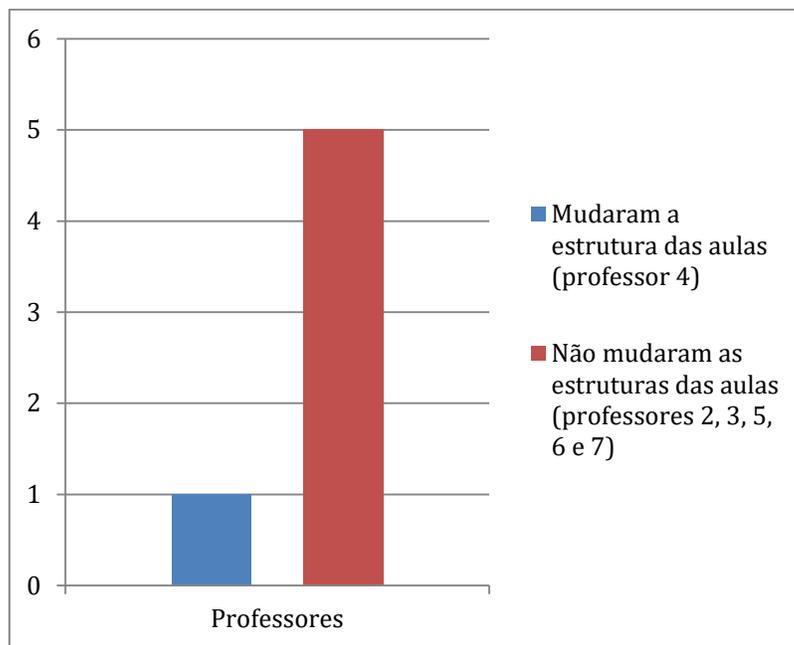
Professor 5: o professor 5 diz que seu mestre iniciava o treino com um aquecimento, posteriormente a parte técnica e finalizava com os “rolas”. Ele nos conta que as técnicas não eram trocadas diariamente e que eram exigidas bastantes repetições. Já a forma dele estruturar as aulas, continua no mesmo formato que aprendeu (aquecimento, técnica e “rola”). Ele diz que planeja as técnicas previamente e que não as muda todos os dias, observando o desenvolvimento do aluno.

Professor 6: o professor 6 nos conta que seu mestre também iniciava os treinos com um aquecimento, logo depois a parte técnica e finalizava com o “rola”. As posições eram focadas em repetições e não eram trocadas diariamente. Eram trabalhadas por determinados períodos de tempo e iam sendo dificultadas. Ele afirma que trabalha da mesma forma que aprendeu.

Professor 7: o professor 7, assim como outros, nos relata que seu mestre iniciava o treino com aquecimento, passava para a parte técnica, priorizando repetições e finalizava com o “rola”. As posições técnicas eram passadas em um dia, no dia seguinte eram lembradas e depois aprendiam uma nova. Já a sua maneira de estruturar as aulas se dá por meio do aquecimento, parte técnica, priorizando repetições e mantendo as mesmas posições durante um determinado período de tempo, e finalizando com os “rolas”, que ele denomina treino livre, ou treino parcial, que seriam os “rolas” com objetivos pré-definidos.

Após analisarmos todas as respostas podemos identificar e comparar quanto a mudanças no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3 – ESTRUTURA DAS AULAS



Podemos perceber que dos seis professores, apenas um mudou o jeito com que estrutura suas aulas. Os demais mantiveram o padrão em que foram ensinados e apenas o professor 1 não foi possível uma comparação efetiva.

➤ Relação entre professor e aluno;

Comparando as respostas dadas pelos professores entrevistados a cerca da relação deles com seus mestres e com seus alunos, podemos perceber que em todos os casos o que prevalece é uma relação de amizade e respeito. Em alguns casos falaram da hierarquia que existe dentro da arte marcial, em outros casos disseram buscar o equilíbrio entre rigidez e amizade para que houvesse um bom ambiente e também muito se falou sobre o termo “família”. De modo geral, todos os professores mantiveram a relação com seus alunos assim como seus mestres eram com eles e seus colegas.

Para finalizar a análise dos dados coletados, podemos observar que os cinco dos sete professores entrevistados mudaram a forma com que conduzem o ensino do Jiu-Jitsu em pelo menos um tópico dos que foram abordados. Os outros dois professores ensinam como aprenderam, nos tópicos em que foi possível uma comparação.

7. DISCUSSÃO

O presente estudo busca analisar como os professores de Jiu-Jitsu aprenderam e ensinam essa arte milenar, mas antes disso precisamos entender o que é ser um professor. Segundo Vasconcellos (2011), quando uma pessoa domina determinada área do conhecimento, essa pessoa é apenas uma especialista daquele assunto. Para ser um professor é preciso também dominar os saberes pedagógicos, utilizando a didática como ferramenta de trabalho.

É importante que o professor saiba como o seu aluno aprende, não somente no caso do Jiu-Jitsu, mas em qualquer outra área do conhecimento. Podemos dizer que um professor que não se preocupa com esse fator, não constrói juntamente com seu aluno o conhecimento, apenas transmite. (Vasconcellos, 2011).

Pensando nisso, é notório o grande desafio de ensinar a partir de como cada aluno aprende, pois as pessoas aprendem de modos e perspectivas diferentes. As turmas de Jiu-Jitsu dos professores entrevistados nesse presente estudo são turmas heterogêneas, com alunos de diversas idades e níveis de conhecimento variado. Já seria um grande desafio por si só ensinar em turmas com alunos de mesmo nível técnico e faixa etária, entendendo que seres humanos são únicos e individuais no modo como aprendem. Ter outras variáveis, como as mencionadas, torna o trabalho ainda mais difícil e, por este motivo, o aporte teórico didático metodológico, com estudos embasados para tais feitos, seriam ótimos aliados nesses desafios.

Sabemos, então, que a didática é de extrema importância na vida de um professor. Mas o que é didática? Segundo Fani Scheibel (2009), a palavra didática pode ser entendida como a arte ou técnica de ensinar. Apesar de a didática ser definida por técnica de ensinar, onde facilita o trabalho do professor e a aprendizagem do aluno, ela tem por objetivo proporcionar um ensino eficiente, que tenha significado para quem está aprendendo. (FANI SCHEIBEL, 2009).

Alguns professores apresentaram mudança em algum aspecto referente à forma como ensinam. Temos três professores que se mostram interessados em conduzir a aula de acordo com a especificidade do aluno, ou seja, passaram a observar como o seu aluno aprende e que cada aluno possui uma necessidade diferente. Essa perspectiva de ensino não apareceu quanto aos mestres, mostrando mudança de comportamento.

Segundo Fani Scheibel (2009), um professor é formado através da relação entre a teoria e a prática, onde a teoria está vinculada aos problemas que surgem nas vivências práticas e a

prática é mediada pela teoria. Sendo assim a didática entra como mediadora dessas duas dimensões.

Becker (2017) nos diz que só se aprende o que se faz. Esse “fazer” pode ser de modo prático e/ou teórico, ou seja, trazendo para o protagonista deste estudo, não se aprende Jiu-Jitsu sem fazer Jiu-Jitsu. Dessa forma podemos entender também que não se ensina Jiu-Jitsu sem ter conhecimento prático do esporte, mas a parte teórica – não só do Jiu-Jitsu como também sobre ensino-aprendizagem - é tão importante quanto à prática para a formação do professor.

Segundo Becker (2011), todo sujeito nasce ignorante, no sentido literal da palavra, sem ter conhecimento sobre cultura, sem capacidade para assimilar os conteúdos. Entretanto nenhum sujeito chega à escola pela primeira vez sem nenhum tipo de desenvolvimento, a criança chega preparada para ser ensinada e ser compreendida. Ainda segundo Becker (2011), esse preparo se dá pelo próprio sujeito, pois nascem com capacidade de construir instrumentos mentais e cerebrais que os possibilitarão assimilar diversos conteúdos ao longo da vida.

O conhecimento não é algo que nos chega pronto, na verdade é um objeto de conquista. O conhecimento é resultado das construções que nós mesmos fazemos decorrente das trocas realizadas com o meio em que estamos. (BECKER, 2011). Ou seja, um praticante de Jiu-Jitsu constrói o conhecimento dessa arte marcial a partir das trocas que ele realiza envolvendo este assunto. Essas trocas provem dos treinos, dos ensinamentos passados pelos professores, do contato com os colegas dentro do dojô, do estudo teórico fora da academia, de experiências vividas em campeonatos, dentre outras inúmeras possibilidades.

Fernando Becker escreveu um artigo sobre Epistemologia Genética, que é uma teoria do conhecimento desenvolvida por Jean Piaget. Em certo momento desse artigo ele menciona motivos por usar essa teoria do conhecimento e um dos motivos muito me chama atenção: repensar possibilidades do aprender. Becker (2011) diz que o verbo que mais se usa na aprendizagem escolar é o verbo “repetir”. Não só na aprendizagem escolar, mas vimos também que os mestres dos professores e os professores entrevistados também utilizam desse verbo; repetir até que o aluno se aproprie do conteúdo, ou nesse caso, até que o aluno aprenda e automatize o movimento.

Nesse momento Becker (2011) nos propõe outros verbos que seriam interessantes quanto à aprendizagem, encontrados em escritos de Piaget. Esses verbos seriam: “fazer”, remetendo a necessidade do aluno; “criar”, ação que da liberdade e grandes possibilidades aos alunos;

“descobrir”, o conhecimento através da descoberta pode gerar grandes feitos. Dentre outros verbos que seriam possíveis tomar como mediadores da aprendizagem.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tinha por objetivo responder se o Jiu-Jitsu é ensinado atualmente da mesma maneira que era antigamente, ou se houveram mudanças da forma como os professores aprenderam para a forma como hoje ensinam. Foram realizadas, então, entrevistas com os professores dessa arte marcial para compreender como seus mestres lhes ensinaram e como hoje eles conduzem as aulas e a partir disso foi possível realizar um comparativo das narrativas para que pudéssemos analisar com base na literatura e, possivelmente, contribuir com o ensino nessa modalidade.

É possível concluir a partir do tópico 7 (discussão), que o aprender não é uma tarefa apenas do professor. O professor é um mediador da aprendizagem, mas o conhecimento aprendido é uma construção feita pelo aluno que está ali, disposto a utilizar das ferramentas que lhes são apresentadas. O professor tem o papel de disponibilizar ferramentas adequadas para que cada aluno na sua individualidade crie o seu conhecimento.

Por outro lado, para que os professores possam disponibilizar as melhores ferramentas para cada aluno é preciso conhecimento, ou seja, eles precisam ter criado assim como seus alunos agora o fazem. Nas entrevistas realizadas, podemos perceber uma forte influência dos mestres dos professores na maneira com que os mesmos conduzem a aula, no geral. Por mais que apareçam algumas mudanças comportamentais no modo com que os professores lecionam, de modo geral, há mais semelhanças e reprodução de comportamento. Isso se dá pelo fato de que não é preciso uma formação com conteúdos teóricos didáticos, metodológicos ou em teorias de ensino para se tornarem professores de Jiu-Jitsu. A construção do professor, no âmbito dessa arte marcial, se dá pela prática do esporte e das suas vivências no dojô. Um professor que não passa por outras experiências ou que não busca outros conhecimentos para agregar na sua formação reproduzirá aquilo que vivenciou durante sua jornada.

Considero que os objetivos propostos nesse trabalho foram sanados, uma vez que foi possível compreender como os professores aprenderam Jiu-Jitsu e como hoje os mesmos ensinam.

Podemos concluir então que não é necessária uma formação em Educação Física para se ensinar uma arte marcial, mesmo que este seja um conteúdo da nossa área. É necessário que os

professores sejam formados dentro da arte marcial, o que demanda anos de prática e dedicação. Entretanto, olhando a entrevista dos professores, alguns apresentaram mudança na forma como ensinam. Quatro deles passaram por graduação em nível superior, sendo um deles em Educação Física (Licenciatura Plena) e outros dois cursando Educação Física (Bacharelado). Não podemos afirmar o motivo das mudanças, mas o fato de estarem em contato com a literatura e outras vivências de conhecimento, pode ser um fator significativo.

É possível que os professores que hoje ensinam Jiu-Jitsu busquem conhecimento teórico, além do conhecimento prático que já possuem, a fim de agregar e complementar suas aulas. Portanto, a graduação em Educação Física pode ser uma alternativa de enriquecer o método de ensino dentro dessa arte marcial.

REFERÊNCIAS

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; MARTINS, Carlos José. O Jiu Jitsu brasileiro em extensão. **Revista Ciência em Extensão**, v. 7, n. 2, p. 84-101, 2011.

CBJJ, Confederação Brasileira de Jiu Jitsu. **History**. 2013. Disponível em: <<https://cbjj.com.br/history/>>. Acesso em: 28 out. 2019.

DE OLIVEIRA, André Luis; GOMES, Fabio Rodrigo Ferreira; SUZUKI, Frank Shiguemitsu. Conceito dos tipos de lutas a partir de uma visão de cultura corporal. 2006.

ANTUNES, Marcelo Moreira; MOURA, Diego Luz. A identificação dos estilos de ensino dos professores das artes marciais chinesas (wushu) no Brasil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p.1-18, dez. 2010.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: Contextos e possibilidades. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

JÚNIOR, Orozimbo Cordeiro. Em busca da construção de uma proposta teórico-metodológica para o ensino do judô escolar. **Pensar a Prática**, v. 3, p. 97-105, 2000.

MINAYO, M.C.S.(Org) **Pesquisa Social; Teoria Método e Criatividade**. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FANI SCHEIBEL, Maria. Didática, identidade profissional e contextualização da prática docente: didática: aspectos históricos. In: URBAN, Ana Claudia; MARTINATTI MAIA, Christiane ; FANI SCHEIBEL, Maria . **Didática: Organização do Trabalho Pedagógico**. Curitiba: IESDE BRASIL SA, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas. **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 9, p. 33-58, 2011.

BECKER, Fernando. PIAGET: DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, APRENDIZAGEM E ENSINO. **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta - RS**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 37, oct. 2017. ISSN 2595-1386. Disponível em: <<http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/267>>. Acesso em: 06 set. 2021.

BECKER, Fernando. Epistemologia Genética. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 10, n. 2, p. 25-42, 2011.